



ANÁLISE DO DISCURSO APLICADA NA EDITORIA DE SAÚDE DO CORREIO BRAZILIENSE

Marcelo Gomes de Santana * - marcelogomesdesantana@gmail.com

Mara Rovida Martini ** - mara.rovida@prof.uniso.br

Resumo: Este artigo foi desenvolvido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo da Universidade de Sorocaba, em 2019. O trabalho apresenta os resultados obtidos pela análise de uma reportagem de saúde do jornal Correio Braziliense para descobrir como a editoria é trabalhada pelo veículo. A metodologia utilizada, ao longo da pesquisa, foi a Análise do Discurso de linha francesa, proposta por Benetti (2007). O objetivo foi entender como as fontes estão presentes e que sentidos elas trazem para o texto, identificando se elas contribuem para que a reportagem tenha pluralidade. Os resultados obtidos mostram que apesar de a reportagem escolher apenas fontes especialistas, ela traz discursos plurais.

Palavras-Chaves: Jornalismo de Saúde. Análise do Discurso. Correio Braziliense.

Abstract: This article was developed from the University of Sorocaba Journalism Course Undergraduate thesis, in 2019. This search presents the results obtained by analyzing a health report from Correio Braziliense newspaper to find out how the editorial is handled by the vehicle. The methodology used throughout the research was the French Line Discourse Analysis proposed by Benetti (2007). The objective was to understand how the sources are present and what meanings they bring to the text, identifying if they contribute

to the report having plurality. The results show that although the report chooses only expert sources, it brings plural speeches.

Keywords: Health Journalism. Discourse Analysis. Correio Braziliense

1. Introdução

Além de estar presente em grande parte dos veículos de comunicação, o tema saúde carrega grande importância social, já que é direito da população ter acesso à informação referente ao assunto.

Por conta desta relevância social, surgiu o interesse em analisar como as reportagens da editoria de saúde são trabalhadas nos veículos de comunicação e se elas conseguem cumprir essas funções sociais perante a sociedade. Desta forma, foram propostos os seguintes problemas de pesquisa a serem respondidos ao final da análise: Quais são os sentidos e as fontes presentes ao longo do texto? As fontes trazem pluralidade para a reportagem? A reportagem usa termos de fácil compreensão para o público leigo? Com base nos problemas, duas hipóteses foram formadas: As fontes utilizadas nas matérias não trazem, necessariamente, uma pluralidade de sentidos para o texto jornalístico e as matérias de saúde não são escritas com palavras de fácil compreensão, dificultando o entendimento de um leitor leigo no assunto.

A metodologia utilizada para responder as questões foi a Análise do Discurso, proposta por Benetti (2007). Assim será possível compreender qual o discurso que as reportagens transmitiram e se elas conseguem contribuir para o leitor.

2. Jornalismo

O jornalismo surge, no início do século XVII, de acordo com Lage (2002). Porém, sua linguagem era muito diferente da maneira como é hoje e os jornais eram usados para disseminar temas relacionados aos ideais burgueses.

Os textos eram escritos com estruturas de discurso e proclamações e as narrativas lembravam os anais, atas e relatórios da época. No entanto, Lage (2002) aponta que a linguagem que dominava era uma mistura da fala parlamentar, análise erudita e sermões religiosos.

Foi durante a Revolução Industrial, no século XIX, na Europa, que a forma como o jornalismo era feito mudou radicalmente. A criação das fábricas e o aumento no número de pessoas, que se deslocaram para as cidades em busca de empregos, fizeram com que o público leitor fosse ampliado de forma muito rápida.

Desta forma, a tiragem dos jornais teve um aumento muito grande. “Para produzir um número tão elevado de exemplares, a mecanização – chave da Revolução Industrial – chegou à indústria gráfica. Surgiram, logo no início do século, as impressoras rotativas, de grande capacidade” (LAGE, 2002, p. 13).

Com o novo público, a necessidade de uma nova linguagem das notícias surgiu, pois, “a retórica do jornalismo publicista era impenetrável para os novos leitores, herdeiros de uma tradição de cultura popular mais objetiva” (LAGE, 2002, p. 13).

Para sobreviverem, os jornais começaram a investir em anúncios, mas como dependiam da quantidade de leitores, para atrair mais público, nas décadas seguintes, surgiram os folhetins, desenhos alegóricos ou satíricos (cartum), charges e histórias em quadrinhos.

2.1 Fontes

Conceição (2010) diz que grande parte das matérias publicadas pelos jornais traz informações fornecidas por personagens ou instituições que testemunharam ou participaram de eventos de interesse público. Essas pessoas são chamadas de fontes e após colher as informações, cabe ao jornalista contextualizá-las e transformar esses dados em um produto jornalístico, com base nas técnicas jornalísticas.

De acordo com Lage (2002, p. 49), “originalmente, as fontes de informação não eram treinadas para desempenhar esse papel”. Eram ouvidas pessoas em geral e, diversas vezes, os jornalistas eram dispostos em portos, aeroportos e estações rodoviárias para escutar viajantes.

Com o surgimento das assessorias de imprensa, após a Segunda Guerra Mundial, essa situação mudou. Com o intermédio delas, houve maior facilidade em encontrar fontes mais específicas e notáveis.

Medina (2002) aponta que por conta do imediatismo, da comodidade e de certo padrão já preestabelecido, geralmente ligado aos grupos de poderes econômicos, políticos ou culturais, as fontes usadas nas matérias são frequentemente sempre as mesmas.

Ainda, segundo Medina (2002), essas fontes quase sempre são pessoas importantes e que suas falas se medem pelo poder que representam e não pelo discurso que produzem e “quando se quer dar um pouco de tom popular à reportagem, joga-se o repórter (em geral, se iniciando na profissão) na rua, ele vai lá e colhe depoimentos do povo” (MEDINA, 2002, p. 26).

2.2 Classificação das fontes

De acordo com Lage (2002) as fontes podem ser classificadas em: a) oficiais, oficiosas e independentes; b) primárias e secundárias e c) testemunhas e experts.

Segundo o autor, as fontes oficiais são aquelas mantidas pelo Estado ou instituições ligadas a ele, empresas e organizações.

As fontes oficiosas são aquelas que tem ligação com alguma instituição ou entidade, mas que não podem falar em nome do órgão, podendo ser desmentidas. As fontes independentes não possuem nenhuma ligação de poder ou interesse específico em cada caso, mas podem oferecer dados falsos em benefício da causa que defendem.

Lage (2002) diferencia as fontes primárias e secundárias da seguinte maneira: as primárias são as fontes entrevistadas pelo repórter para poderem escrever os textos; as fontes secundárias são as que eles procuram quando estão elaborando as pautas para conhecerem mais sobre o assunto que será tratado e poderem confrontar os dados obtidos com as fontes primárias.

As testemunhas são aquelas que presenciaram algum acontecimento e irão relatar o que viram e as fontes experts são, geralmente, fontes secundárias, especialistas, professores etc.

3. Saúde na comunicação

Azevedo (2009 apud MENEZES; BRAGA, 2014, p. 3) afirma que o “assunto saúde/doença ocupa os espaços dos periódicos de notícia desde o surgimento da imprensa,

atingindo seu apogeu entre os anos 1980 e 1990”. Desta forma, ainda segundo a autora, “a história do jornalismo na área da saúde é confundida com a própria história do jornalismo, onde no século XX, as ciências passaram a ter mais relevância social”.

O movimento feminista, na década de 1970, e o aumento dos números de casos de AIDS, na década de 1980, de acordo com Azevedo (2009), contribuíram para que os jornalistas se interessassem mais pela área da saúde.

Conforme assinala Favereau (2005), temas como a interrupção voluntária da gravidez, por exemplo, deram também voz à população civil organizada (sindicatos e organizações feministas). Mas foram as perguntas sem respostas colocadas pelo surgimento da AIDS que despertaram o interesse da imprensa para um jornalismo de saúde mais eficaz e efetivo (AZEVEDO, 2009, p. 4).

No entanto, foi na década de 1950 que o jornalismo de saúde começou a se manifestar na Europa. “Com uma médica francesa a escrever semanalmente para médicos no diário francês «Le Monde». Apesar de escrever para médicos, colocava em pauta assuntos de relevante interesse popular” (AZEVEDO, 2009, p. 4).

3.1 Fascínio pela doença x Visão mercadológica

Por se tratar de um tema ligado diretamente ao ser humano, o interesse público por assuntos sobre saúde é muito grande e por conta desta procura, o tema possui grande espaço na maioria dos veículos de comunicação.

Porém, por muitas vezes ser tratada apenas como um produto com grande capacidade de venda e tendo seu foco voltado apenas para a doença, as matérias de saúde perdem sua essência que é fornecer bem-estar à população.

As matérias de saúde concentram o foco na doença, tentando entendê-la sob todas as formas e assumem, quase sempre, um caráter fatalista (tal paciente deu um azar danado ao "pegar" tal moléstia ou estava determinado geneticamente a contraí-la algum dia). Desviam, desta forma, a atenção da ausência de políticas de saúde, deixando de entender o processo pelo qual se criam condições para a emergência de epidemias ou para o retorno de velhas enfermidades. Elegem os microrganismos como vilões (cada vez mais resistentes ao homem!), sem indicar que a causa maior das moléstias e

patologias é a precária infraestrutura de atendimento, a ausência de um programa de saneamento básico, o despreparo de profissionais, a mercantilização da Medicina, o analfabetismo e a miséria da população (BUENO, 2019)¹.

Se concentrando na doença e desconsiderando o contexto em que se encontram as políticas de saúde, Bueno (2019) afirma que as notícias “não permitem a elaboração de uma proposta informativa que privilegie a prevenção, a educação para a saúde e o debate sobre as condições econômicas e socioculturais que podem conduzir a uma melhor qualidade de vida”.

Além do foco na doença, Menezes e Braga (2014) dizem, baseados na fala de Ferraretto e Morigi (2004), que os jornais usam o sensacionalismo para aumentar as vendas e que se utilizam da comoção como forma de atrair mais público. Para conseguir tal feito, as mídias notabilizam casos individuais e isolados como se fossem fatos que “acontecem em toda a sociedade, como consequência de problemas públicos, estruturais, políticos e sociais, compondo uma narrativa sensacionalista focada no individual” (MENEZES; BRAGA, 2014, p. 4).

Criar empatia com o que foi escrito é outro artifício usado pela mídia para fazer com que as pessoas consumam mais notícias sobre saúde:

Como explica Alsina (2009), o discurso midiático não está interessado apenas em informar, mas em fazer o público sentir, para assim, por meio das notícias sensacionalistas e cheias de emoção, conquistar o público e a audiência. “Os jornais sensacionalistas estão mais alicerçados nas emoções do que na transmissão desse saber aos seus leitores”, afirma Alsina (2009, p. 49) (MENEZES; BRAGA, 2014, p. 4).

Apesar de muitas vezes ser trabalhada da forma citada acima, Freitas (2005, p. 33) afirma que “o assunto saúde nunca esteve tão presente nos meios de comunicação, e isso contribui para melhorar e conscientizar a nossa população, chamando a atenção para a prevenção e os tratamentos. Essa é uma das funções dos jornalistas”.

3.2 Fontes usadas no Jornalismo de Saúde

Bueno (2019) aponta um problema muito recorrente nas matérias de saúde que é a escolha das fontes. Ele se utiliza do conceito do “discurso da competência” de Marilena Chauí, para dizer que “o profissional de saúde, o especialista, arvora-se como a única

¹ Data de acesso, pois o texto foi publicado no site jornalismocientifico.com.br em que não há indicação de ano das postagens.

fonte capaz e com legitimidade para expressar conceitos relacionados com esta área, descartando a conveniência de outras falas” (BUENO, 2019).

Se utilizando, em grande parte, de fontes especialistas, as publicações de saúde são envoltas de um olhar corporativo, com uma linguagem mais técnica que acaba dividindo as pessoas que podem fazer parte daquele círculo, quem domina o discurso técnico e aqueles que são colocados para fora, quem não compreende a linguagem.

Menezes e Braga (2014) dizem que os jornalistas procuram médicos, especialistas ou autoridades em saúde apenas para validar um ideal já edificado pela mídia. E com base na teoria de Kuscinsky (2002), Menezes e Braga (2014, p. 6) vão falar que “essa atitude dos jornalistas pode explicar o porquê de a mídia não ouvir os movimentos populares de saúde, os trabalhadores, os enfermeiros, os conselhos locais de saúde”.

4. Análise do Discurso

Benetti (2007, p. 107) explica que “a AD é especialmente produtiva para os dois tipos de estudo no jornalismo: mapeamento das vozes e identificação dos sentidos”. Ainda de acordo com a autora, os dois tipos de pesquisa estão ligados, mas podem ser feitos de forma separada e exigir procedimentos específicos.

4.1 Estudo dos sentidos

Benetti (2007, p. 111) aponta que “o primeiro tipo de pesquisa para o qual a AD é um método adequado diz respeito à análise dos sentidos do discurso jornalístico”. Para isso, é necessário olhar a estrutura do texto e entender que ela vem “de fora”, já que o texto inicia seu processo “na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário”.

Para fazer a análise dos sentidos, Benetti (2007) afirma que é preciso partir do texto, identificando as formações discursivas (FD's). “Consideramos que uma FD é uma espécie de *região de sentidos*, circunscrita por um limite interpretativo que exclui o que invalidaria aquele sentido – este segundo sentido, por sua vez, constituiria uma segunda FD”. (BENETTI, 2007, p. 112).

Um sentido, para a Análise do Discurso, surge sempre baseado em alguma formação ideológica:

A lógica da AD nos diz que um sentido sempre vem representar aquilo que poderia ser dito, naquela conjuntura específica, por aqueles sujeitos em

particular, instados ideologicamente a dizer uma coisa, e não outra. Por isso, conceitua-se uma formação discursiva como aquilo que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e não deve ser dito. Essa definição circular amarra a formação discursiva a uma formação ideológica, deduzindo que, daquela formação ideológica em particular, não poderia ser construído outro sentido que não aquele (BENETTI, 2007, p. 112).

Depois de encontrar os principais sentidos e reuni-los nas formações discursivas mínimas, Benetti (2007) relata que o pesquisador precisa sair do texto analisado e buscar fora outros discursos que atravessam o discurso jornalístico.

4.2 Estudo das vozes

Benetti (2007) diz que o discurso jornalístico é, idealmente, polifônico, pois, por ele circulam várias vozes. Segundo a autora, alguns exemplos das vozes encontradas no texto são as fontes, jornalista-indivíduo que assina o texto, o jornalista instituição e o leitor que assina a carta publicada.

De acordo com Benetti (2007), o discurso não precisa ser necessariamente polifônico e para descobrir se um texto é monofônico ou polifônico, é preciso mapear as vozes que fazem parte dele.

No entanto, mesmo que em uma matéria haja várias vozes, se todas estão dizendo o mesmo enunciado, o texto acaba sendo monofônico. Com os conceitos desta metodologia, será possível analisar o discurso criado na reportagem analisada e também as vozes utilizadas na produção jornalística.

5. Análise

A proposta original da análise era aplicar o estudo dos sentidos e das vozes em duas reportagens da editoria Ciência e Saúde, do site do jornal Correio Braziliense. No entanto, neste artigo, trabalharemos com apenas uma das reportagens. O texto escolhido foi “Cientistas apostam em pílulas de efeito rápido para tratar depressão”, publicado em 18/06/2018.

5.1 Formações Discursivas e Sequências Discursivas

Mapear os sentidos do texto e identificar as formações discursivas (FD's) que o permeiam foi a primeira etapa da análise. As FD's principais encontradas no texto foram: FD1: Pesquisa Científica; FD2: Tratamento e FD3: Termos técnicos da área da Saúde. Após esse primeiro passo, foi necessário encontrar, no texto, passagens, sequências discursivas (SD's) que confirmassem seus sentidos.

5.2 Pesquisa Científica

Esta FD foi identificada pelo fato de o texto trazer a visão de cientistas e de resultados de pesquisas em busca de novas formas de tratamento para a depressão. Algumas das SDs encontradas no texto foram:

Cientistas apostam em pílulas de efeito rápido para tratar depressão;
Para melhorar o tratamento medicamentoso contra a depressão, **cientistas apostam em frentes inovadoras**;
Por isso, investigadores se empenham na busca por novas opções terapêuticas, no que se tornou um dos **grandes desafios da pesquisa neurocientífica moderna**.

5.3 Tratamento

Esta formação discursiva é muito forte no texto, já que ao longo do mesmo, está sendo exposta frequentemente. Algumas das sequências discursivas que comprovam esta FD são:

Cientistas apostam em pílulas de efeito rápido **para tratar depressão**;
Para melhorar o tratamento medicamentoso contra a depressão, cientistas apostam em frentes inovadoras, como **substâncias de efeito rápido e drogas que agem em áreas do cérebro diferentes das usuais**;
Desde 1986, com o surgimento do cloridrato de fluoxetina, mais conhecido como Prozac, **o tratamento psiquiátrico passou por uma revolução**.

5.4 Termos técnicos da área da Saúde

Ao decorrer do texto, foi possível identificar esta formação discursiva por conta dos termos relacionados à área da Saúde e à área científica que não fazem parte do vocabulário do público leigo. Abaixo algumas sequências discursivas encontradas.

Desde 1986, com o surgimento do **cloridrato de fluoxetina**, mais conhecido como **Prozac**, o tratamento psiquiátrico passou por uma revolução; O famoso medicamento faz parte do **grupo de inibidores seletivos de recaptura da serotonina (ISRS)**, que aumentam a produção do **neurotransmissor** no cérebro, aliviando os sintomas depressivos; Sarah Bailey, professora do Departamento de Farmácia e Farmacologia da Universidade de Bath, no Reino Unido, e sua equipe **trabalham com o BU10119**, que bloqueia **receptores cerebrais chamados opioides kappa**.

5.5 Estudo das vozes

Para tornar o estudo dos sentidos, mais completo, é necessário analisar que fala e o que fala no texto. Para isso, iremos usar o estudo das vozes para reconhecer os locutores presentes na reportagem e com qual discurso eles contribuem para a formação do discurso jornalístico. Ao longo do texto, foram encontrados oito locutores.

Quadro 1 – Locutores presentes na reportagem “Cientistas apostam em pílulas de efeito rápido para tratar depressão”

Locutor 1	Vilhena Soares (Jornalista)
Locutor 2	Sarah Bailey, professora do Departamento de Farmácia e Farmacologia da Universidade de Bath, no Reino Unido
Locutor 3	Abraham Palmer, professor de Psiquiatria na Universidade e um dos autores do estudo, publicado na revista Molecular Psychiatry.
Locutor 4	Rafael Vinhal, psiquiatra e membro da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP)
Locutor 5	Carlos A. Zarate Jr., pesquisador do Instituto Nacional de Saúde Mental (NIMH, em inglês), dos EUA.
Locutor 6	Ricardo Sachser, psicólogo e neurocientista, mestre em memória pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Locutor 7	Felipe Barreto Schuch, professor da Universidade La Salle, no Rio Grande do Sul
Locutor 8	Lisa Uebelacker, autora da pesquisa e professora da Universidade de Brown (EUA)

Fonte: Elaboração própria

Analisando o conjunto, as formações discursivas, sequências discursivas e a escolhas das fontes, é possível notar que o texto, embora seja baseado em pesquisas e com foco no tratamento da depressão, não traz explicitamente o sentido de verdade absoluta, já que em muitas passagens, é deixado claro que os resultados ainda estão em estágios iniciais e que ainda serão necessárias mais pesquisas para poder chegar em um resultado definitivo.

Porém, ao escolher apenas fontes especialistas, que fizeram parte das pesquisas e médicos da área que concordam com as pesquisas, deixa implícito o sentido de veracidade e credibilidade dos resultados. Brandão (2005, p. 7) diz que “o espaço em que saber e poder se unem, se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito que lhe é reconhecido socialmente”, o que pode confirmar o sentido por trás do discurso das fontes.

Sobre o enunciado das fontes, com base na análise feita, é possível perceber que há um enunciado principal que é o de tratamento para a depressão, já que ele norteia o texto inteiro. Porém, acredito que esse enunciado pode ser dividido em dois, já que uma parte das fontes fala sobre o tratamento com base a medicamentos e outra parte fala da importância dos exercícios físicos como forma de prevenção e tratamento.

Por isso, mesmo os enunciados se complementando, é possível afirmar que como falam de dois tipos de tratamento, há pluralidade de discursos.

É observado também, nas falas dos locutores 1 (Vilhena Soares – Jornalista) e 4 (Rafael Vinhal, psiquiatra e membro da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), que eles possuem duas posições que passeiam nos dois tipos de tratamento, ajudando a trazer para o texto essa pluralidade de sentidos.

6. Considerações finais

Responder as perguntas: “Quais são os sentidos e as fontes presentes ao longo dos textos?” “As fontes trazem pluralidade para as reportagens?” “As reportagens usam termos de fácil compreensão para o público leigo?” era o problema inicial para o desenvolvimento deste artigo. Com isso, duas hipóteses a serem confirmadas ou refutadas foram criadas.

A primeira hipótese era: as fontes utilizadas nas matérias não trazem, necessariamente, uma pluralidade de sentidos para o texto jornalístico. Com a análise

deste texto, esta hipótese foi refutada, já que houve uma ramificação do enunciado principal trazendo sentidos complementares, mas, que podem ser considerados plurais para o texto.

A segunda hipótese era: As matérias de saúde não são escritas com palavras de fácil compreensão, dificultando o entendimento de um leitor leigo no assunto. Esta hipótese foi confirmada já que a incidência de termos técnicos foi muito grande, atrapalhando a compreensão do texto para um leitor leigo.

Com isso, foi possível enxergar que as fontes escolhidas para estarem no texto trazem consigo uma posição de fala que, mesmo implicitamente, pelo meio social em que estão inseridas permitem que seus discursos sejam tidos como verdadeiros e não sejam questionados. E que seus enunciados serviram para trazer para o texto um discurso plural, não com sentidos discordantes, mas sim, complementares.

Pelo fato de a editoria de Saúde estar presente, na grande maioria dos veículos de comunicação e possuir grande importância social, em que é direito da população ter acesso a informações relacionadas ao assunto, surgiu a necessidade de procurar entender como a grande mídia trabalha. Portanto, consideramos este estudo pertinente para a obtenção de novos conhecimentos a respeito do jornalismo de Saúde e como ele contribui para o leitor.

7. Referências

- AZEVEDO, A.P.F.M. **O jornalismo na saúde: uma visão transcontinental**. 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação – Informação e Jornalismo) - Universidade do Minho, 2009.
- BENETTI, M. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: _____. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 107-122.
- BUENO, W.C. **Comunicação para a saúde: uma revisão crítica**. Disponível em: http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_saude/artigo9.php. Acesso em 01 nov. 2019.
- CONCEIÇÃO, F.G. **O Dissídio das Vozes: a política dos jornais segundo os manuais de redação *Folha*, *Estado* e *Globo***. São Luís: Edufma, 2010.

FREITAS, J.A.S. A saúde na cobertura da mídia. In: MEDINA, C.A. (Org.). Ciência e sociedade: mediações jornalísticas. **Novo Pacto da Ciência 8**. São Paulo: CCS/USP, 2005. p. 15-78.

LAGE, N. **A Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2002, 2ª ed.

MEDINA, C.A. **Entrevista**: O diálogo possível. São Paulo: Átila, 2002.

MENEZES, K.; BRAGA, C.F. Análise Preliminar da cobertura de Saúde no jornal O Popular, Rádio CBN Goiânia e TV Anhanguera. In: **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Paraná: Intercom, 2014. p. 1-15

* **Marcelo Gomes de Santana: Graduando de Jornalismo da Universidade de Sorocaba.**

** **Mara Rovida Martini: Professora do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.**